



José Cardoso Pires

O milagre do Canal Caveira

HOJE, GRAÇAS ao Altíssima, neste meu bairro de Alvalade pode faltar tudo menos fé. De meia em meia hora, Deus toca o sino na Igreja de São João de Brito e a população acerta os fusos horários da alma; lá em baixo, à boca do metro e rodeado de agências bancárias e pedintes, está Santo António em bronze público mal talhado, numa estátua que tanto podia ter sido feita por Martins Correia, por António Duarte ou por outro remendão do género; logo a dois passos, fica o cinema Alvalade convertido em Igreja Universal do Reino de Deus onde um bispo brasileiro, em sintaxe de animador de hipermercado, passa a vida a vender bíblias e cassetes vídeo-místicas; mais adiante, na Rua Acácio de Paiva, outro sacário, outra seita, a do Sétimo Dia, e se me alongar até à Avenida Gago Coutinho estou no coração da Igreja dos Santos dos Últimos Dias, porque é ali que ela tem o seu Vaticano. À surrelfia, de porta em porta, andam Testemunhas de Jeová a angariar clientes e um ou outro apóstolo da Maná, que por acaso até é a Igreja que me dá mais palpite porque foi inventada por um engenheiro português chamado Jorge Tadeu Amén.

Para afirmar Alvalade como bairro da Promissão, tantos sacários só têm concorrência nas agências bancárias que devem andar por umas vinte e tantas, fora as caixas Multibanco.

De resto, quem frequentar certas pastelarias da Avenida da Igreja e ouvir os conversadores de gaioja que por lá gastam os dias a trinar de mesa em mesa perceberá que se encontra num bairro ecuménico à procura da Palavra de Deus no marketing-espectáculo das guerras contra o Mafarrico.

Ainda hoje, quando passo por um desses cenáculos de chá e torradas lembro-me duma Dona Lizete Gama (ou Lisabete, já não sei bem) senhora muito ouvida e respeitada no seu círculo de amigos onde cantava de alto sobre liturgias e milagres duma religião que ela lá sabia. Religião que praticava. E que difundia. E que

Dona Lizete faleceu há coisa de um ano e testamentou que deixava a alma ao Criador e o corpo a um jazigo dos arredores de Beja. O funeral, comandado por um bispo do Maranhão do tamanho duma jibóia e com um cortejo de automóveis artilhados de cassetes de oratórias cariocas em frequência divina, atravessou a ponte já ao princípio da tarde. E a fome não perdoa, o bispo-jibóia conferenciou com o adjunto-urubu em dialecto do Baixo Niterói e resolveu interromper a marcha fúnebre no Canal Caveira.

pagava a ouro de lei, porque era viúva de uma herdade alentejana.

(Dona Lizete, apreciadora de papos-de-anjo em calda de açúcar, sempre que falava do espírito e do pecado mudava para pronúncia brasileira e fazia boquinhas de "pied-de-poule", levando a colher à boca num tilintar de pulseiras. Lá para ela, papos-de-anjo, pulseiras cantantes e latim carioca eram um ritual a tempo inteiro.)

Infelizmente, esta Dona espiritual faleceu há coisa de um ano, contou-me o dono da pastelaria. E falecendo, testamentou que deixava a alma ao Criador e o corpo a um jazigo dos arredores de Beja, onde a esperava o defunto marido.

O funeral, comandado por um bispo do Maranhão do tamanho duma jibóia e com um cortejo de automóveis artilhados de cassetes que transmitiam oratórias cariocas em frequência divina, atravessou a ponte 25 de Abril já ao princípio da tarde. E se a morte não perdoa, a fome também não, o bispo-jibóia, feitas as contas ao relógio, conferenciou com o adjunto-urubu em dialecto do Baixo Niterói e resolveu interromper a marcha fúnebre no Canal Caveira, onde há restaurantes que ser-

vem um destes cozidos à portuguesa de se comer e chorar por mais.

Deixaram a morta na rua, estendida na sua catedral volante, urna de mogno e coberta rendada, e, de mão na consciência, prometeram que iam só ali comer uma coisinha e daí a nada estariam de volta. Chófer, gatos-pingados e toda a comitiva enlutada seguiram-nos com ar compungido.

Só que o Canal Caveira é uma romaria de comilões. Há restaurantes a dar com um pau e, em todos eles, os enchidos puxam à chisalhada, a chisalhada puxa aos legumes, os legumes ao entrecosto e aos pertences que se sabe. Resultado: às tantas, os viajantes funerários já arrotavam à boca larga, já contavam anedotas indecentes e já davam de beber à dor com um bagaço de primeiríssima. O bispo-jibóia decidiu pôr termo à pouca-vergonha, exigindo a cada presente uma multa de arrependimento, e, todos muito cristãos, saíram do restaurante e regressaram à morta.

Morta? Mas qual morta, se a morta e carro funerário se tinham posto a mexer, nas barbas de toda a gente?

Roubo, está claro. No Canal Caveira, os assaltos aos carros dos turistas da chisalhada são o pão-nosso de cada dia. Mas roubar uma morta, só pelo diabo. E roubar uma catedral volante como aquele carro funerário, isso então ainda dava mais nas vistas.

A verdade é que roubaram. O carro foi descoberto meses depois, na costa de Cádiz, transformado em bar de estrada (com papos-de-anjo como prato especial, dizem as más-línguas); mas da urna da Dona Lizete é que não ficou sinal. Segundo o bispo-jibóia, fora lançada ao mar pelos gatunos e andava, empurrada por naufragos do purgatório, transformada em Baleia de Ouro.

Baleia essa que era uma espécie de Moby Dick com um Jonas de saias lá dentro, a apregoar doces de anjo e contas bancárias à ordem do Reino de Deus. ●